



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

O Ensino da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Secundário

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

2026, Sofia Raquel Monteiro Gonçalves



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Sofia Raquel Monteiro Gonçalves

O Ensino da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Secundário

Dissertação de Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa, apresentada ao
Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Rafaela Cota da Silva

Arguente: Mestre e Especialista Amílcar José Oliveira de Sousa e Morais

Orientadora: Professora Doutora Isabel Sofia Calvário Correia

Orientador: Professor Doutor Pedro Balaus Custódio

Fevereiro, 2026

Agradecimentos

Finalmente chegou a hora de deixar que a gratidão encontre palavras, reconhecendo aqueles que, mesmo à distância, iluminaram o meu caminho e tornaram possível a realização deste trabalho:

Aos meus pais, por me darem esta oportunidade. Cada conquista minha é também vossa, porque sem o vosso incentivo constante, paciência e dedicação, nada disto seria possível. Obrigada por acreditarem sempre em mim.

Aos meus avós, que partiram muito antes de me ver chegar aqui, cujas memórias me acompanham em cada etapa da vida. Apesar da ausência física, permanecem presentes em tudo o que sou e em cada conquista que alcanço. Espero que este passo vos encha de orgulho, aí em cima.

À minha melhor amiga, Babá, que partiu demasiado cedo, antes de me ver nesta etapa. Este trabalho é também para ela, em homenagem a tudo o que partilhámos e ao impacto inesquecível que deixou em mim. Estou a viver pelas duas, tudo aquilo que não te foi permitido viver. Sei que estarás super orgulhosa de tudo o que consegui.

Ao meu Pepito, por nunca me largar a mão e por me apoiar sempre. Obrigada por todo o apoio, compreensão e paciência ao longo deste percurso. Obrigada por celebrares as minhas conquistas, por me dares força nos dias mais desafiantes e por caminhares comigo com tanto carinho e dedicação.

Às minhas tias e madrinha, por sempre me encorajarem a ser e fazer melhor. Por todo o apoio, carinho e incentivo ao longo de toda esta jornada.

À minha prima, Lara, por ser a minha tradutora português-inglês nesta caminhada e por nunca se negar a me ajudar.

À minha *BFF*, Guidinha, por nunca me deixar desamparar, por ser um pilar, por estar sempre disponível a qualquer hora e dia. Obrigada por ouvires, aconselhares, incentivares e celebrares comigo cada pequena conquista.

À Ana, inicialmente minha explicadora e hoje amiga, que tornou possível embarcar nesta aventura. Sem ti, nada disto teria sido possível.

À minha afilhada, Tiz, pelo apoio silencioso e pela presença constante, mesmo nos momentos em que as palavras faltam. *From cradle to grave.*

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Correia, por ser a luz ao fundo do túnel e não me deixar desistir. Nunca terei palavras suficientes para lhe agradecer.

Ao meu coorientador, Professor Doutor Pedro Custódio, pela disponibilidade em orientar este trabalho, pela ajuda e acompanhamento.

À Andrade e ao Pacheco, por serem os amigos e colegas que qualquer pessoa deveria ter. Por todos os momentos partilhados, pelas risadas, pelo incentivo e pela amizade que tornou esta caminhada mais especial.

À Joana, que foi amiga e companheira de todas as horas, ao longo destes anos. Pelo apoio, companhia e por todos os momentos que tornaram esta caminhada mais leve.

A todos os professores que, ao longo do meu percurso académico, me transmitiram conhecimento, sabedoria e inspiração.

À Escola Superior de Educação de Coimbra.

A Coimbra!

A mim, pela força e determinação, pela coragem de continuar e pela resiliência nas horas difíceis, mesmo quando vacilava. Por nunca ter desistido, mesmo quando tudo em mim pedia descanso.

O Ensino da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Secundário

Este estudo teve como objetivo promover a compreensão da etimologia da Língua Gestual Portuguesa por alunos Surdos do Ensino Secundário e avaliar os conhecimentos que detinham sobre o tema. Para tal, foram definidos objetivos específicos relacionados com a introdução do conceito de etimologia, a identificação das bases etimológicas dos gestos, a reflexão sobre gestos potencialmente ofensivos e a promoção da participação ativa em sala de aula.

A investigação adotou uma abordagem qualitativa, baseada em observação e registo das atividades. Para obtenção dos resultados foram aplicadas três atividades, em que os alunos tinham que: corresponder cada gesto à sua base etimológica correta; escolher um gesto e explicar a sua base e debater um vídeo de gestos possivelmente ofensivos, refletindo criticamente sobre o seu uso e significado, bem como as suas bases etimológicas.

Os resultados indicam que os alunos inicialmente não possuíam conhecimentos sobre etimologia, mas demonstraram boa compreensão do tema, respondendo corretamente às questões propostas.

Na discussão sobre gestos ofensivos, alguns consideraram determinados gestos ofensivos, enquanto outros não, mostrando capacidade de reflexão crítica.

Palavras-chave: História da LGP, Etimologia, Gestos Ofensivos

The Teaching of the Etymology of Portuguese Sign Language in High School Education

This study aimed to promote the understanding of the etymology of Portuguese Sign Language (LGP) among Deaf high school students and to assess their prior knowledge on the topic. To achieve this, specific objectives were established regarding the introduction of the concept of etymology, the identification of the etymological bases of signs, the reflection on potentially offensive signs, and the promotion of active participation in the classroom.

The research adopted a qualitative approach, based on observation and records of classroom activities. To obtain these results, three activities were implemented in which students were required to: match each sign to its correct etymological base; select a sign and explain its etymological origin; and engage in a debate on a video about potentially offensive signs, critically reflecting on their use, meaning, and etymological bases. The results indicate that students initially had no knowledge of etymology but demonstrated a good understanding of the topic throughout the activities, responding correctly to the questions posed.

During the discussion on offensive signs, some students considered certain signs offensive, while others did not, showing the ability to critically reflect on their meanings and implications.

Keywords: History of LGP, Etymology, Offensive Signs

Sumário

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
A Língua Gestual Portuguesa em Portugal	5
Fundamentos Linguísticos	7
Categoria dos Gestos	7
Etimologia	9
Criação dos Gestos	13
Mudanças temporais	16
Evolução dos gestos	16
Variação regional	20
Influência da Língua Portuguesa na Língua Gestual Portuguesa	22
Gestos potencialmente ofensivos	25
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	27
Contextualização da Aula	28
Escolha do tema	28
Objetivos	29
Perfil dos Alunos	30
Duração e Estrutura da aula	31
Planeamento da Aula	32
Conteúdos abordados	32
Estratégias utilizadas	33
Participação dos alunos/ Resultados	34
Análise dos Resultados	37
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	41
ANEXOS	45

Lista de abreviaturas

1. ASL – Língua Gestual Americana
2. CM – Configuração de Mão
3. CRPLGP - Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa
4. ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra
5. ENM – Expressão Não-Manual
6. EUA – Estados Unidos da América
7. EREB – Escolas de Referência para a Educação Bilíngue
8. GNR – Guarda Nacional Republicana
9. LG – Língua Gestual
10. LGP – Língua Gestual Portuguesa
11. LM – Localização de Mão
12. LO – Língua Oral
13. LP – Língua Portuguesa
14. OSV – Objeto Sujeito Verbo
15. SOV – Sujeito Objeto Verbo
16. SVO – Sujeito Verbo Objeto

Lista de figuras

FIGURA 1 - ALFABETO MANUAL DE PER ARON BORG	1
FIGURA 2 - ABECEDÁRIO DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA	1
FIGURA 3 - GESTO BRANCO	3
FIGURA 4 - GESTO BOLA	3
FIGURA 5 - GESTO CHOCOLATE	4
FIGURA 6 - GESTO TU.....	4
FIGURA 7 - GESTO UM EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA	8
FIGURA 8 - GESTO UM EM LÍNGUA GESTUAL SUECA	8
FIGURA 9 - GESTO BOI	9
FIGURA 10 – GESTO CAVALO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA	9
FIGURA 11 – GESTO CAVALO EM LÍNGUA GESTUAL ITALIANA	9
FIGURA 12 - GESTO SETEMBRO	10
FIGURA 13 – GESTO ANTIGO COR	12
FIGURA 14 – GESTO ATUAL COR	12
FIGURA 15 – GESTO ANTIGO AVÓ	13
FIGURA 16 – GESTO ATUAL AVÓ.....	13
FIGURA 17 – GESTO ANTIGO MULHER AÇORES.....	14
FIGURA 18 – GESTO ANTIGO GATO AÇORES	14
FIGURA 19 - GESTO FAMÍLIA.....	18
FIGURA 20 - GESTO FAMÍLIA.....	18

Lista de Tabelas

1. Bases Etimológicas dos meses do ano
2. Gestos com variação dialetal Lisboa/Porto

INTRODUÇÃO

A Língua Gestual Portuguesa constitui, não apenas um meio de comunicação, mas também uma componente fundamental na construção da identidade cultural e social da Comunidade Surda, em Portugal. Torna-se cada vez mais relevante não estudar apenas a sua utilização prática, mas também o conhecimento histórico e etimológico dos gestos, contribuindo assim para a valorização e compreensão da língua.

Este relatório surge no âmbito das unidades curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada I e II, do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa. O estudo “O Ensino da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Secundário”, surge pelo grande interesse nesta área e, também, pela escassez de investigação neste campo.

Foi, ainda, inserido um subtema intitulado “Gestos potencialmente ofensivos” para complementar o tema inicial.

Assim, tem-se como objetivo principal promover a compreensão da origem e significado dos gestos, por parte dos alunos Surdos.

Para alcançar este objetivo geral, foram definidos quatro objetivos específicos:

- i. Introduzir o conceito de Etimologia da LGP;
- ii. Orientar os alunos na identificação das possíveis bases etimológicas dos gestos, incentivando a observação e reflexão;
- iii. Promover o conhecimento etimológico e estimular o pensamento crítico ao analisar como e por que razão alguns gestos podem ser considerados como ofensivos;
- iv. Promover a participação ativa dos alunos na aula, estimulando o interesse, a curiosidade e a valorização da história da língua.

Este tema permite aos alunos reconhecer a história e as transformações da língua, compreender os fatores culturais e sociais que moldaram determinados gestos e refletir criticamente sobre o seu significado, incluindo aqueles que podem ser considerados ofensivos.

Este relatório encontra-se estruturado em dois capítulos fundamentais. O primeiro, o enquadramento teórico, no qual se aborda a história da Língua Gestual em Portugal,

fundamentos linguísticos da mesma, mudanças temporais que existam e, por fim, o subtema Gestos potencialmente ofensivos.

No segundo capítulo, o enquadramento metodológico, explica-se como se colocou o estudo em questão, em prática. Neste capítulo é possível observar a contextualização, perfil dos alunos, planeamento da aula, resultados obtidos e análise dos mesmos.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Língua Gestual Portuguesa em Portugal

Os dados apontam para que a educação de Surdos, em Portugal, tenha iniciado em 1823 quando Per Aron Borg foi convidado pelo Rei D. João VI para ensinar crianças Surdas, fundando assim, o Real Instituto de Surdos-Mudos e Cegos. Contudo, continuam as dúvidas acerca da verdadeira data, pois é expectável que existisse comunicação entre pessoas Surdas antes da sua vinda. Após isto, é comumente afirmado que a Língua Gestual Portuguesa advém da Língua Gestual Sueca, no entanto, entre estas apenas se assemelham os seus alfabetos gestuais, como podemos verificar nas imagens abaixo.



Figura 1 – Alfabeto Manual de Per Aron Borg
 Fonte: Wikimedia Commons
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:P%C3%A4r_Aron_Borg%27s_hand_alphabet.jpg



Figura 2 – Abecedário Língua Gestual Portuguesa.
 Fonte: Associação Portuguesa de Surdos

Em 1880, em consequência do Congresso de Milão, foi estabelecido que o método de ensino de alunos Surdos, deveria ser o oralismo – ensino através da língua oral, treinando a fala e a leitura labial – sendo proibido o gestualismo.

Em Portugal, o método oralista imperou desde 1905, mas apesar da Língua Gestual ter sido proibida, os Surdos continuaram a praticá-la, às escondidas, o que fez com que esta se tornasse mais forte e a comunidade Surda mais unida, o que foi exatamente o oposto daquilo que o Congresso de Milão pretendia. “Numa dessas vezes [enquanto gestuavam às escondidas], essa comunicação foi intercetada pela professora que logo amarrou, com cordas, os pulsos dos alunos, para que ficassem, efetivamente, presos (...)” (Gonçalves, 2012, p.19)

Mais tarde, foi-se iniciando a luta para reimplementar a LGP. Em 1992, iniciou-se o ensino bilíngue de crianças Surdas, na escola A-de-Beja. Também em 1992, foi publicado o *Gestuário* e, em 1994, o livro *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*, de Maria Augusta Amaral, Amândio Coutinho e Raquel Delgado Martins. Estas publicações contribuíram para o avanço da LGP e da sua história.

A 15 de novembro de 1995 foi criada a Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa, liderada por Hélder Duarte, contava também com o apoio de outras figuras importantes da LGP como Maria Augusta Amaral, que trabalhava no Instituto Jacob Rodrigues Pereira; José Bettencourt e João Alberto Ferreira, que viajaram até à Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos da América e, após o regresso a Portugal, partilharam por todo o país formações de LGP e as suas aprendizagens nos EUA. Além destas personalidades, foram várias as instituições que integraram a CRPLG, como a Associação Portuguesa de Surdos, Associação de Intérpretes de LGP, Associação de Pais para a Educação das Crianças Deficientes Auditivas, entre outras. Assim, após quase dois anos de luta, a 20 de setembro de 1997, a LGP foi oficialmente reconhecida na Constituição da República Portuguesa:

“Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades” (Lei nº1/97, artº74, alínea h)).

Após esta grandiosa vitória para toda a comunidade Surda, em Portugal, o dia 15 de novembro tornou-se no dia nacional da Língua Gestual Portuguesa, no qual toda a comunidade celebra a luta e a conquista pela LGP, sendo um dia comemorado em todas as EREB, que foram criadas a partir de 2008, através do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de janeiro, de modo a garantir a educação bilíngue de crianças Surdas. Também em 2008 é lançado o Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa, que é utilizado para o Ensino Bilíngue de alunos Surdos desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário, que veio colmatar o que estava previsto no Decreto-Lei 3/2008 – que “A educação inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados.”

Fundamentos Linguísticos

A Língua Gestual Portuguesa é “uma língua de produção manuo-motora e recepção visual, com vocabulário e organização próprios, que não deriva das línguas orais, nem pode ser considerada como sua representação” (Amaral et al., 1994, p.37).

A LGP organiza-se tendo em conta cinco queremas – Configuração de Mão, Localização de Mão, Movimento de Mão, Orientação de Mão e Expressão Não-Manual -, que combinados entre si, formam gestos.



Figura 3 – gesto BRANCO (Gestuário, 1992)

Como podemos observar, o gesto BRANCO tem a Configuração de Mão “Mão Aberta”, Localização de Mão no queixo, o Movimento de Mão desliza ligeiramente para baixo (duas vezes), a Orientação da Mão é a palma virada para o emissor e, neste caso, a Expressão Não-Manual é inexistente.

Categoria dos Gestos

Os gestos foram categorizados em três categorias, por Amaral et al (1994).

1. Icónicos, no qual o gesto se assemelha ao objeto. Como por exemplo, o gesto BOLA.



Figura 4 – gesto BOLA (Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa, 1994)

2. Arbitrários, o gesto não representa qualquer ligação com a realidade. Vejamos o exemplo do gesto CHOCOLATE.



Figura 5 – gesto CHOCOLATE (Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa, 1994)

3. Referenciais, todos aqueles que envolvem apontar para algo, como o gesto TU.



Figura 6 – gesto TU (Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa, 1994)

Etimologia

“Como a própria palavra etimologia (do latim *etymologia* ‘origem de uma palavra’, do grego *étumon* ‘sentido verdadeiro’) indica, ela revela-nos o verdadeiro significado das palavras, através do estudo da origem e da evolução das mesmas (...)” (Nunes & Vieira, 2012, p.137) Portanto, podemos ver a etimologia como a base da criação dos gestos.

Existem várias bases etimológicas:

- (1) Forma do Referente, no qual o gesto tem como base as características do objeto que representa, como por exemplo o gesto ÓCULOS e BOLA.
- (2) Cultura, onde o gesto é criado com base na cultura de determinado local ou país, como por exemplo SETEMBRO, que advém da cultura portuguesa das vindimas nesse mês.
- (3) A Influência da Língua Portuguesa divide-se em dois tipos etimológicos:
 - (3.1) Datilologia, quando o gesto tem como base a grafia da palavra correspondente – PORTO, representado através da letra P
 - (3.2) Tradução Direta, na qual se traduz, palavra a palavra, como por exemplo PINGO DOCE, que se traduz DOCE + PINGO.

No entanto, também pode acontecer, um gesto assumir as duas bases etimológicas presentes na Influência da LP, como é o caso do gesto CABO VERDE:

CABO é representado pela letra C, tendo assim na sua base a grafia e,

VERDE, é traduzido, tendo na sua base a Tradução direita. Consideraremos, daqui em diante, este tipo de etimologia apenas com o nome de Influência da Língua Portuguesa (3).

Assim, qualquer gesto da LGP, tem como base um, ou mais, destes exemplos etimológicos.

Vejamos, por exemplo, o caso dos meses do ano:

Meses do Ano	Base Etimológica	Explicação
Janeiro	(1)	Limpar a janela por causa do embaciamento
Fevereiro	(2)	Máscara de Carnaval
Março	(2)	Tradição de pesca e caça
Abril	(2)	Páscoa
Maiο	(2)	Tradição de peregrinação
Junho	(3.1)	Dactilologia – (N)
Julho	(3.1)	Dactilologia – (L)
Agosto	(1)	Referente ao calor e à sede que se sente
Setembro	(2)	Relacionado com as vindimas
Outubro	(3.1)	Dactilologia – (O+U)
Novembro	(3.1)	Dactilologia – (N)
Dezembro	(3.1)	Dactilologia – (D+Z)

Tabela 1 – Bases Etimológicas dos meses do ano

Fonte: Apontamentos de História da Língua Gestual Portuguesa, ano letivo 2022/2023

Correia e Morais (2024) estudaram a origem dos nomes dos distritos de Portugal, a que se dá o nome de *toponímia*. Uma vez que na área da etimologia, em Portugal, este é dos únicos artigos existentes, utilizaremos os seus exemplos.

Olhando para o artigo, é evidente que maior parte dos distritos de Portugal têm os seus gestos assentes num nome gestual: Bragança, no nome gestual de uma pessoa Surda; Viseu, Leiria, Santarém, Setúbal e Portalegre, no artigo é referido apenas “nome gestual”, não sendo explícito de onde surgiu.

Com a base etimológica de Cultura, observamos vários distritos como: Braga, que representa o chapéu utilizado por bispos, sendo esta cidade bastante conhecida pela sua religiosidade;

Viana do Castelo, devido à vista de uma montanha para o mar;

Aveiro, representa os pescadores e moliceiros;

Coimbra, representa o traçar da capa dos estudantes;

Évora, devido à cor das casas tradicionais no Alentejo.

Com base etimológica de tradução direta, observamos apenas Castelo Branco, que se traduz CASTELO + BRANCO.

Já na dactilologia, temos Lisboa e Porto, representados pelas suas letras iniciais, L e P, respetivamente.

Como explicado anteriormente, um gesto pode ter mais do que uma base etimológica e podemos observá-lo através destes distritos: Vila Real, Influência da LP, uma vez que possui tanto tradução direta (Real de REI) como dactilologia – V;

Beja também assenta em duas bases etimológicas – Dactilologia, com a letra B e Cultura, representado pelo gesto ESCUTEIROS, que são muito influentes na região.

Correia e Morais (2024) consideram que Ponta Delgada tem nas suas bases etimológicas dactilologia, empréstimo e iconicidade, no entanto acreditamos que apenas está presente dactilologia, embora não seja a da LGP, mas sim da ASL, devido à forte influência dos EUA nos Açores e a Forma do Referente, que o movimento de mão assume a representar os arcos presentes na cidade, uma vez que não consideramos empréstimo e iconicidade como bases etimológicas.

Correia e Morais (2024) referem, também, que Guarda, Funchal, Santarém e Faro, assentam na iconicidade/visual, mas como referido anteriormente, não o consideramos como base etimológica, sendo assim assente na base Forma do Referente.

Guarda pode ser associado a GNR, que antigamente utilizava um chapéu que continha uma fita no queixo, dando assim origem ao gesto da cidade:

No caso do Funchal, representa o cais onde atracam navios;

Faro, devido à sua representação no mapa de Portugal;

Santarém¹, devido ao Rio Tejo, a cara representaria o mapa de Portugal.

¹ Santarém é referido duas vezes: Forma do referente e Nome gestual, uma vez que qualquer uma destas hipóteses podem ter sido a motivação do gesto.

Correia et al. (2025) realizaram um estudo acerca da etimologia dos números cardinais da LGP. Uma vez que o alfabeto da LGP foi influenciado pelo da LG Sueca, “poder-se-ia pensar que (...) também o sistema numérico teria provindo da Suécia” (Correia et al., 2025, p.90). No entanto, as configurações dos números, no geral, entre as duas línguas não correspondem.



Figura 7 – UM em LGP

Fonte: Spread The Sign

(<https://www.spreadthesign.com>)

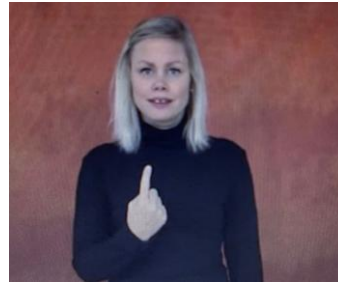


Figura 8 – UM em LG Sueca *Fonte:*

Spread The Sign

(<https://www.spreadthesign.com>)

Contudo, em LGP temos duas formas para os números cardinais: o exemplo da figura 7 para nos referirmos a datas, por exemplo e, quando é para contar (função de quantificador), utilizamos gestos idênticos à LG Sueca (figura 8). (Correia et al., 2025)

Porém, o estudo de Correia et al. (2025) incide sobre as configurações dos números cardinais “fixos”, como lhes chamam os autores.

Segundo Correia et al. (2025), Ramauge cita as palavras de José Crispim da Cunha, professor de Surdos, “Reconhecendo a necessidade de igualmente representar por um sinal cada um dos algarismos da arithmetica, inventei dez signaes para a mão esquerda, tambem o mais semelhante que é possível aos respectivos algarismos.” (Ramauge, 1847, p.46).

Portanto, os números em LGP advêm, assim como o alfabeto, da base Influência da LP, uma vez que os gestos de ambos são representações da escrita. No entanto, Correia et al. (2025) referem, também, que os números estavam representados nos uniformes dos alunos.

Criação dos Gestos

Segundo o que se conhece, a maioria dos gestos são criados a partir de três bases: icónica, cultural e empréstimo.

Base Icónica



Figura 9 – Exemplo de gesto com base icónica - BOI
Fonte: Spread The Sign
(<https://www.spreadthesign.com>)

É importante referir que o processo mais comum da formação de gestos icónicos é a metonímia, que consiste na escolha de uma característica que se destaca no referente para criar um vocábulo gestual. Este processo é cultural, uma vez que a escolha da característica que se destaca, depende da comunidade Surda de cada país.

Observemos os seguintes exemplos:



Figura 10 – Gesto CAVALO LGP
Fonte: Spread The Sign
(<https://www.spreadthesign.com>)



Figura 11– Gesto CAVALO em Língua Gestual Italiana
Fonte: Spread The Sign
(<https://www.spreadthesign.com>)

É possível observar que o gesto para CAVALO da LGP faz referência às crinas do cavalo. Enquanto o gesto de Língua Gestual Italiana, advém do exercício de andar a cavalo.

Base Cultural

Como pudemos observar na tabela 1, vários gestos dos meses do ano têm como base etimológica, a cultura de Portugal.

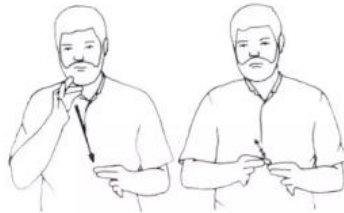


Figura 12 – gesto de SETEMBRO (Gestuário, 1992)

Empréstimo

Segundo Silva (2021), o empréstimo refere-se à aquisição de qualquer léxico, proveniente de outra língua. No caso da LGP, transformaram-se palavras da LP, em gestos da LGP.

Segundo Nascimento (2009), existem 7 tipos de empréstimo:

- a) Empréstimo por transliteração – quando utilizamos a datilologia e esta categoria podemos subdividi-lo em 3 grupos:
 - a. Empréstimo por transliteração pragmática – quando se utiliza a datilologia em contextos específicos ou que não exista ainda um gesto próprio na LGP, como é o caso de nomes próprios, de localidades, entre outros.
 - b. Empréstimo por transliteração lexicalizada – Neste caso, podemos observar duas formas diferentes:
 - i. Utiliza-se a datilologia da palavra toda, mas assume características de um gesto puro, que pode ser ritmado de forma diferente, utilizado a LM e/ou MM, como no caso do gesto OURO ou BAR.
 - ii. Utiliza-se a datilologia, mas abreviando a palavra, como por exemplo LP, para abreviar Língua Portuguesa.
 - c. Empréstimo por transliteração da letra inicial – Utiliza-se apenas a primeira letra da palavra, como por exemplo no gesto de PORTO, LISBOA.

- b) Empréstimo da ‘configuração’ visual dos lábios – Quando se reproduz a configuração dos lábios correspondente à pronúncia da sílaba tónica da palavra na língua oral. Por exemplo, no gesto antigo de AVÓ, o lábio assumia a forma da sílaba (Ó).
- c) Empréstimo semântico – São gestos que se traduzem, maioritariamente, de forma icónica, como as expressões idiomáticas da LP – ESTAR PELOS CABELOS
- d) Empréstimo estereotipado – Quando se copia um símbolo gráfico, como os sinais de pontuação, símbolos matemáticos ou formas geométricas. (SOMAR - +; ponto de interrogação - ?)
- e) Empréstimo cruzado – quando unidades lexicais da Língua Oral que apresentam homografia², homonímia³ ou paronímia⁴ são transpostas para a LGP mediante a utilização de um gesto idêntico, como MOSCA e MOSCAVIDE.

² Palavras com a mesma grafia, mas pronúncia e sentido diferente.

³ Palavras com grafia e pronúncia igual, mas sentido diferente.

⁴ Palavras com som e grafia semelhantes.

Mudanças temporais

Evolução dos gestos

A evolução das línguas é um processo natural, impulsionado por fatores sociais, cognitivos e culturais. A LGP, tal como as línguas orais, adapta-se continuamente, incorporando novos gestos e ajustando os existentes para atender às necessidades comunicativas da Comunidade Surda. Ou seja, a língua evolui porque as pessoas evoluem e a comunicação precisa de acompanhar todas as transformações culturais, tecnológicas e sociais.

Essas mudanças nos sinais da língua refletem não apenas a evolução em si, mas, também, as transformações na sociedade e na tecnologia. À medida que novos conceitos e artefatos surgem e a tecnologia avança, a linguagem precisa se adaptar para comunicar esses conceitos de forma clara e eficaz. (Temoteo-Marques et al., 2024, p.147)

Como já explicado anteriormente, a primeira data associada à existência da LGP foi em 1823, é evidente que, aos dias de hoje, a língua que se utiliza não é a mesma que se utilizava à data, precisamente graças à evolução das pessoas, cultura e tecnologia. A esta alteração nos gestos, chamamos de *Variação Diacrónica*. (Piza, 2025)

Temos como exemplo, o gesto COVID. Em 2020, quando se instalou a pandemia, foi necessário criar um gesto para a doença, que até ali, não existia ainda. E o contrário também pode acontecer, é evidente que um gesto não desaparece nem deixa de existir, mas pode deixar-se de usá-lo devido à evolução e avanço, por exemplo da tecnologia, como o caso do gesto CASSETE e DISQUETE. Uma vez que os próprios objetos caíram em desuso, o mesmo acontece com os seus gestos.

Outro exemplo é a alteração do gesto COR.

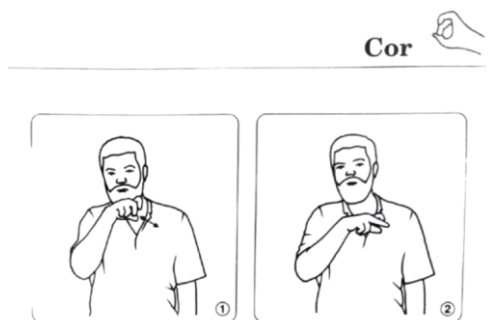


Figura 13 – gesto antigo COR (Gestuário, 1992)



Figura 14 – gesto atual COR

Segundo o *Gestuário* (1992), a origem deste gesto estaria relacionada com as letras da palavra, ou seja, a sua base etimológica, como já referido anteriormente, seria a Influência da Língua Portuguesa, Datilologia.

Vejamos, também, a alteração do gesto AVÓ:

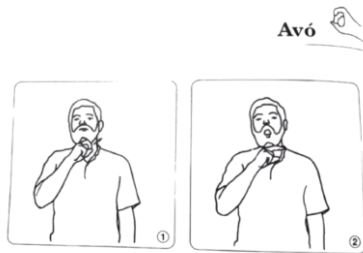


Figura 15 – gesto antigo AVÓ (*Gestuário*, 1992)



Figura 16 – gesto atual AVÓ

No gesto antigo, não existia a marcação do feminino, diferenciando AVÓ de AVÔ apenas pela posição da boca. Atualmente, utiliza-se a marcação de MULHER antes do gesto AVÔ para se referir a AVÓ.

Gonçalves (2016) estudou a diacronia dos gestos da LGP nos Açores, no qual selecionou 333 gestos de um livro com gestos criados por alunos Surdos açorianos, datado de 1999, com o intuito de perceber se os gestos alteraram ou não e, estas alterações foram categorizadas em três tipos:

- i. Gesto não alterado – Continua igual aos dias de hoje;
- ii. Alteração Parcial do Gesto – Apenas se alterou uma das partes do gesto;
- iii. Alteração Total do Gesto – É completamente diferente nos dias de hoje.

Assim, neste estudo pode-se observar que o gesto GUARDANAPO não alterou e, no caso de gestos que alteraram parcial e completamente, temos o caso do gesto MULHER e GATO, respetivamente, como podemos ver nas imagens abaixo.



Figura 17 – gesto MULHER registado em Silva & Funk (1999)

Fonte: Gonçalves, 2016, p.31

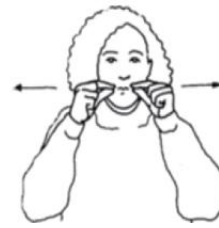


Figura 18 – gesto GATO registado em Silva & Funk (1999)

Fonte: Gonçalves, 2016, p.31

Gonçalves (2016), relata que 71% dos gestos apresentados sofreram alterações e apenas 29% continuam iguais aos dias de hoje. Dentro dos 71% que sofreram alterações, 61% alteraram completamente e 39% alteraram apenas parcialmente.

Gonçalves (2016) fez, ainda, algumas perguntas aos seus 25 informantes. Uma das questões foi se sentem que a LGP de hoje é diferente da de antigamente e 24 responderam afirmativamente. Perguntou, também, se acham que os Surdos mais jovens utilizam uma LGP diferente das suas, 20 informantes responderam que sim e apenas 5 dizem não existir diferenças e, ainda, se sentem dificuldades para comunicar com os Surdos mais novos – 15 dos informantes referem sentir dificuldades e 10 acreditam ter uma boa comunicação.

Também Santos (2015), realizou um estudo sobre a evolução dos gestos no Porto, relacionando com os gestos de cores, números e dias da semana. Neste estudo participaram 9 informantes, sendo 4 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, entre os 50 e 80 anos de idade.

Em relação às cores, Santos (2015) chegou à conclusão de que as cores têm uma base icónica. É possível observar que o gesto AMARELO, por parte dos informantes masculinos, se verifica o mesmo, quase não tendo sofrido alteração, nos gestos PRETO e AZUL, os gestuados pelos informantes, teriam sido a base para os gestos que conhecemos hoje. CINZENTO parece manter-se o mesmo, também. Alguns informantes realizaram o gesto de ROXO igual ao atual, bem como COR-DE-LARANJA. Já no gesto de CASTANHO e VERDE, nenhum gesto se assemelha ao atual. No gesto BEGE, alguns dos informantes aproximam-se do atual.

Já nos dias da semana, Santos (2015) afirma que os gestos antigos tinham raiz icónica, mas que esta desapareceu e que alguns dos gestos atuais provêm dos antigos. Alguns dos informantes realizam o gesto de SEGUNDA-FEIRA e QUINTA FEIRA idêntico ao atual. TERÇA-FEIRA e QUARTA-FEIRA, apenas um informante realiza o gesto idêntico ao dos dias de hoje. SEXTA-FEIRA, alguns dos informantes realizam o gesto igual ao atual. SÁBADO, são poucos os que gestuam o que conhecemos hoje e DOMINGO, alguns realizam o gesto atual e outros realizam diferente, mas incidindo sobre a mesma razão – a missa, tradicional deste dia da semana. Em relação aos outros gestos, houve sempre algum informante que os associou à comida daquele dia e, pelo menos um dos informantes, associou o gesto SÁBADO ao dia de ir para casa.

Conforme Correia e Santos (2020), os gestos para os dias da semana assentavam nas atividades que se faziam naquela altura. Alguns dos gestos referidos pelos informantes continuam a utilizar-se nos dias de hoje ou serviram de base para os atuais, como SEGUNDA-FEIRA, no caso dos informantes masculinos, QUINTA-FEIRA, SEXTA-FEIRA e DOMINGO.

Finalmente, para os gestos referentes aos números, nenhum dos gestos apresentados pelos informantes masculinos correspondem aos gestos atuais. Já nos femininos, 3 das informantes não forneceram qualquer gesto, pois referem que não se lembram de aprender, enquanto as outras 2 informantes gestuam algo, mas nenhum se assemelha ao gesto dos dias de hoje.

Todos os informantes do sexo masculino apresentam gestos iguais ou idênticos, e 2 deles informam que associavam o número ao nome gestual de determinado aluno Surdo.

Os surdos que frequentavam a instituição Araújo Porto e que dormiam lá, usavam bata que tinham número, a cama, os utensílios de higiene e entre outros tinham o número que pertencia ao aluno surdo e aplicavam este número um gesto, o nome gestual, que identificava o surdo também. (Santos, 2015, p.109)

Assim, é evidente que a LGP é, também, uma língua em constante evolução, sujeita a mudanças ao longo dos tempos.

Varição regional

Tal como existem dialetos nas LO, como por exemplo o português e o português do Brasil – ou até mesmo as diferenças dentro do mesmo país, como é o caso de Lisboa e Porto, onde existem palavras diferentes para o mesmo objeto, como aloquete (Norte) e cadeado (Sul) – o mesmo pode acontecer nas línguas gestuais e, no caso da LGP, é bem evidente.

A variação regional, ou dialetal, acontece porque durante muitos anos a educação foi separada por géneros – rapazes frequentavam uma escola e as raparigas outras – mais tarde, a quantidade de escolas espalhadas pelo país, simultaneamente à escassez de meios de comunicação, fez com que em cada escola se usasse a sua “própria” língua gestual. E apenas quando terminavam a sua escolaridade, regressavam às suas origens, “espalhando” a língua gestual que tinham aprendido.

“Antigamente, não existia este contacto entre surdos dos diferentes Colégios e Institutos. (...) os alunos surdos viam-se forçados a criar gestos próprios, que lhes fossem sendo necessários, convenientes, ou, até mesmo, fulcrais.” (Gonçalves, 2012, p.20)

Gonçalves (2012) refere que os primeiros colégios/institutos para alunos Surdos surgiram em Lisboa, Porto, Coimbra e Açores, tendo a mesma estudado em Coimbra e quando ingressou no curso de formação de formadores de LGP, em Lisboa, relata que se assustou devido à diferente de gestos.

Nos dias de hoje, a variação mais evidente é a de Lisboa e Porto, que inclusivamente foi estudada durante a Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa, na ESEC, onde utilizamos, maioritariamente, a variação de Lisboa.

Vejamos alguns exemplos.











Gesto	Lisboa	Porto
SETE		
TRISTE		
NETO		
COLEGA		
MORANGO		

Tabela 2 – Gestos com variação dialetal Lisboa/Porto

Influência da Língua Portuguesa na Língua Gestual Portuguesa

Em Portugal, a língua dominante na sociedade é a língua portuguesa, sendo a LGP uma das línguas minoritárias do país, línguas que são “suscetíveis de sofrerem influência da língua maioritária e que tal pode ser refletido nas progressivas mudanças do uso e produção da LSP e possíveis consequentes alterações linguísticas fruto dessa contaminação oriunda da língua maioritária.” (Correia et al., 2020, p.96)

Cassandro et al. (2003) realizaram o estudo ao acompanhar uma criança que foi implantada aos 7 anos de idade, após 6 meses a utilizar o implante coclear, foi evidente a regressão da sua língua gestual. Também num estudo de Kartheiser et al. (2024) foi constatado que Surdos que foram implantados mais cedo, apresentam um nível linguístico de ASL mais baixo do que aqueles que foram implantados mais tarde. Não foram encontrados quaisquer artigos sobre este assunto em Portugal, relacionados com a LGP, mas acreditamos que aconteça o mesmo, uma vez que o implante ou o aparelho auditivo vem “facilitar” a comunicação dos Surdos, numa sociedade maioritariamente ouvinte e, onde mais de 90% das crianças Surdas nascem em famílias ouvintes, que não possuem qualquer conhecimento acerca da LGP. (Baptista, 2010).

“Over 90% of deaf children are born to hearing parents who most often have no fully effective means to communicate with their child.”⁵ (OMS, 2021, p.48)

Existem várias formas de a LP influenciar a LGP, podemos recorrer ao que já foi referido anteriormente, no Empréstimo por transliteração da letra inicial pode originar-se num processo de influência da LP. Vejamos, por exemplo, o gesto FAMÍLIA:

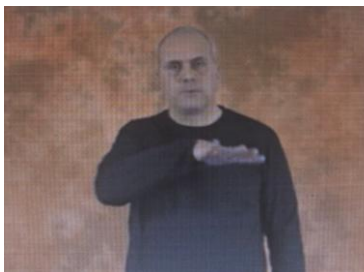


Figura 19 e 20 – gesto FAMÍLIA
Fonte: Spread The Sign (<https://www.spreadthesign.com>)

⁵ Tradução: Mais de 90% das crianças surdas nascem de pais ouvintes que, na maioria das vezes, não têm meios totalmente eficazes de comunicar com o seu filho. (tradução nossa)

Como se pode observar, uma das variantes do gesto FAMÍLIA executa-se com a CM “F”, sendo uma influência da língua portuguesa na LGP, através da letra inicial da palavra.

No entanto, o que mais preocupa maior parte dos investigadores e alguns Surdos é a influência que a língua portuguesa está a causar na ordem frásica da LGP, uma vez que os Surdos mais jovens estão a trocar a ordem das frases em LGP e, cada vez mais, insistem numa ordem igual à da LP, fazendo assim desaparecer uma das propriedades mais importantes da LGP – a sua gramática e até “identidade” própria. (Gonçalves, 2012)

No estudo de Correia et al. (2020), é possível observar que os informantes se distanciam da sintaxe da LGP à medida que se aproximam da LP - “a organização sintática é a que parece ter mais interferência o que releva que o idioma maioritário contamina a estrutura base da língua minoritária. A estrutura SVO é a mais recorrente nos vídeos analisados.” (Correia et al., 2020, p.113).

Neste estudo, foi pedido a alunos que formulassem frases, em Língua Gestual Portuguesa. No primeiro exemplo, a frase em LP seria “o menino viu sapatos”, pelo que sabemos, em LGP, o correto seria MENINO SAPATOS VER ou SAPATOS MENINO VER, no entanto, o informante gestuou MENINO VER SAPATOS, utilizando assim, a ordem frásica da LP.

A influência da LP não se verifica apenas na ordem frásica, é cada vez mais comum observarmos os jovens surdos a labializar à medida que gestuam. Conhecido como “*mouthings*”⁶ está cada vez mais a ser utilizada pelas pessoas Surdas o que implica, conseqüentemente, que haja menor ocorrência da ENM própria dos sinais (...)” (Correia et al., 2020, p.108). Nesta parte do estudo é possível observar os informantes a labializar em gestos como MASSA, AMARELO, PAGAR e MÃE. Correia et al. (2020) acreditam que este fenómeno pode ocorrer por diversas razões: por serem jovens com implante coclear e/ou aparelho auditivo e, conseqüentemente, serem mais oralistas; por conviverem por pessoas, maioritariamente, ouvintes; e, por serem surdos com baixo nível linguístico, a labialização acaba por ser uma ajuda, para entender os outros e se fazerem entender. No decorrer do estudo, um dos informantes utiliza o gesto de CAIXA (de cartão, por exemplo) + PAGAR para se referir a caixa registadora. Correia et al. (2020), acreditam que o

⁶ Labialização durante o gesto, que não faz parte da ENM.

informante utilizou este gesto uma vez que na LP a palavra “caixa” se enquadra neste sentido.

No documentário da Surd’Universo, *Documentário sobre os 10 anos do reconhecimento da LGP*, é possível perceber que os surdos mais velhos se lamentam por este tema:

“A ordem dos gestos hoje está toda trocada, por causa da influência do Português e também por se estar a perder a LGP de antigamente” e “Às vezes reparo que os gestos diminuem e aumenta a oralidade”, são algumas das preocupações demonstradas. Também Correia et al. (2020, p.113) referem o mesmo “A crescente labialização do português em simultâneo com a execução do sinal demonstra a crescente influência da língua portuguesa (...)”

No estudo de Martins (2011), a autora forneceu diversas frases aos informantes com o intuito de estes as gestuarem e é possível apurar que maior parte dos alunos utilizou a ordem frásica da LP em vez de as ordens da LGP: 56% gestuou as frases na ordem OSV, enquanto apenas 24% e 20% as gestuou nas ordens SVO e SOV, respetivamente.

Gestos potencialmente ofensivos

Tal como nas línguas orais existem palavras que podem ter conotação ofensiva, o mesmo acontece nas línguas gestuais. Gestos que, dependendo do contexto podem ser considerados como ofensivos ou discriminatórios. Gestos quando usados de forma depreciativa, sugerem preconceito. No entanto, mais preocupante que os gestos que se percebem imediatamente que podem ser um ataque, são aqueles que usamos no dia a dia e apesar de parecerem meros gestos, poderão ser considerados como algo realmente ofensivo e/ou discriminatório.

As emissoras televisivas em Inglaterra já proibiram o uso de alguns gestos de Língua Gestual Inglesa que poderiam ser considerados ofensivos, como o gesto para “judeu”, que se realiza com a mão a imitar um nariz adunco⁷, estereotipo associado a judeus e o gesto para “chinês”, em que os dedos indicadores puxam o canto dos olhos para imitar os olhos de uma pessoa proveniente da China. (JDCC, 2010)

Rinkoo Barpaga, ator e comediante Surdo, inglês, publicou um vídeo onde aborda o tema e pede para que parem de usar gestos ofensivos como ÍNDIA, que pode significar o país ou ser um gesto racista e PRETO e/ou ÁFRICA, que podem determinar a cor ou o país, mas também pode ser entendido com um insulto dirigido a pessoas de cor⁸. O ator afirma que se pode utilizar gestos “tradicionais”, mas que o primeiro gesto referido já foi utilizado contra ele, de forma racista e que outras pessoas foram também vítimas de racismo quando utilizaram o segundo gesto para chamá-los de “negro”.

Na Língua Gestual Portuguesa também podemos observar gestos potencialmente ofensivos, mas mais próximos do primeiro exemplo, que foram proibidos pelas estações inglesas, como é o caso do gesto PRETO e/ou ÁFRICA, que faz referência ao nariz, que é uma característica de pessoas daquela região, também o gesto de ÁSIA, que faz referência à característica dos olhos das pessoas daquele continente.

Marta Morgado, no seu *Instagram* aborda este tema, refere que os Surdos portugueses gostariam que nos outros países se usasse o gesto de LGP para “Portugal”, mas que na própria LGP não se adaptam os gestos para países das outras línguas gestuais e refere,

⁷ Nariz grande e curvado

⁸ Pode ser comparado à “N word”, palavra da língua oral utilizada para insultar pessoas de pele negra.

também, que o gesto de GUINÉ-BISSAU, que se gestua NEGRO+OLHOS BICUDOS, poderá ser um gesto ofensivo. Menciona igualmente, os gestos CHINA, JAPÃO e ÍNDIA, referindo que são gestos baseados nos “olhos bicudos” e na “pinta na testa”.

Portanto, alguns gestos, que podemos considerar “normal” utilizá-los no dia a dia podem, ao serem analisados, revelar potenciais conotações ofensivas ou discriminatórias

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Contextualização da Aula

Escolha do tema

A escolha do tema teve origem no interesse consolidado ao longo do percurso académico na unidade curricular de História da Língua Gestual Portuguesa, durante a licenciatura. O estudo da etimologia na Língua Gestual Portuguesa revelou-se uma área de grande relevância linguística e cultural, uma vez que permite compreender as origens, influências e processos históricos que estiveram na base da formação dos gestos.

Apesar da sua importância para a compreensão estrutural e evolutiva da LGP, constatou-se que a etimologia desta língua permanece ainda pouco explorada. A escassez de estudos específicos e sistemáticos sobre a origem dos gestos constituiu, por isso, um fator determinante para a escolha deste tema, evidenciando a necessidade de aprofundar o conhecimento nesta área.

Assim, a seleção deste tema resultou da conjugação de dois aspetos principais: por um lado, o interesse pessoal e académico, resultado do interesse adquirido no contacto inicial com a temática e da vontade de continuar a explorar esta área, por outro, a intenção de contribuir para o desenvolvimento científico da área, promovendo uma maior valorização da dimensão histórica e linguística da LGP.

Após a escolha do tema *Etimologia*, foi escolhido como subtema *Gestos potencialmente ofensivos*, uma vez que este permite compreender como determinados gestos podem ser interpretados como ofensivos, dadas as suas origens.

Objetivos

Este tema surge com o principal objetivo de aplicar o estudo da etimologia da Língua Gestual Portuguesa em contexto de sala de aula no Ensino Secundário, promovendo a compreensão da origem, evolução e significado dos gestos por parte dos alunos Surdos e que conhecimentos detêm acerca do mesmo. No entanto destacam-se, também, quatro objetivos específicos:

- v. Introduzir o conceito de Etimologia da LGP;
- vi. Orientar os alunos na identificação das possíveis bases etimológicas do gestos, incentivando a observação e reflexão;
- vii. Promover o conhecimento etimológico e estimular o pensamento crítico ao analisar como e por que razão alguns gestos podem ser considerados como ofensivos;
- viii. Promover a participação ativa dos alunos na aula, estimulando o interesse, a curiosidade e a valorização da história da língua.

Estes objetivos, definidos claramente, estabeleceram a meta a alcançar no presente estudo. Assim, pretende-se analisar e aprofundar a compreensão da etimologia, investigando a origem histórica dos gestos, bem como analisar os gestos que poderão ser considerados ofensivos.

Perfil dos Alunos

Deste estudo fizeram parte cinco alunos Surdos do ensino secundário, de dois anos de ensino diferentes – 10º e 11º ano – dois alunos do 10º e três do 11º ano.

Todos os pais foram informados do estágio desenvolvido, assim como da aplicação deste estudo, tendo sido assinado o consentimento informado pelo encarregado de educação de cada um dos cinco alunos.

No que respeita ao perfil do grupo:

O aluno A, do 10º ano, tem surdez profunda bilateral congénita. Tem síndrome de Waardenburg, de tipo 1. É gestualista, não implantado. Não sabe ler nem escrever, o que dificulta o uso da datilologia;

O aluno B, do 10º ano, tem surdez moderada e tem a LGP como L1, embora comunique tanto em LGP como em LP. Utiliza duas Próteses Retro Auriculares;

O aluno C, do 11º ano, tem surdez neuro sensorial bilateral profunda, é gestualista, comunicando apenas através da LGP, não oralizando e não faz leitura labial. Utiliza implante coclear. Tem, também, paralisia cerebral, com implicações a nível do desenvolvimento cognitivo e motor. Tem medidas adicionais;

O aluno D, do 11º ano, tem surdez neuro sensorial bilateral profunda, utiliza implante coclear e comunica através da LGP e LP, no entanto apresenta dificuldades nas duas línguas;

O aluno E, do 11º ano, tem surdez neuro sensorial bilateral profunda, utiliza implante coclear. Comunica através da LGP e da LP.

Duração e Estrutura da aula

A intervenção pedagógica teve uma duração total de aproximadamente 40 minutos, organizada em três momentos principais. Num primeiro momento, foi feita a apresentação do tema da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa, recorrendo a exemplos de gestos para ilustrar as diferentes bases etimológicas.

Seguiu-se uma fase prática, na qual foram apresentados vários gestos aos alunos, que teriam de fazer corresponder à base etimológica correta, aplicando os conhecimentos adquiridos. No fim desta atividade, foi pedido aos alunos que dessem outros exemplos de gestos e atribuíssem a sua base etimológica.

Na última fase, foi mostrado um vídeo sobre *Gestos potencialmente ofensivos*, com o intuito que dessem a sua opinião acerca do vídeo, se certos gestos da LGP poderiam ser ofensivos, o que achavam sobre nomes gestuais com esses mesmos gestos e quais as suas bases etimológicas.

Planeamento da Aula

Conteúdos abordados

Iniciou-se a aula a questionar se os alunos conheciam o termo *Etimologia* e em que consistia, a resposta foi unânime – nunca nenhum tinha ouvido falar sobre. Procedeu-se à disponibilização de um *PowerPoint*⁹, no qual estava explícito o que era o tema. De seguida, mostraram-se e explicaram-se as diferentes bases etimológicas, associadas a gestos para melhor entendimento: Forma do referente – ÓCULOS; Cultura – SETEMBRO; Influência da LP, que se divide em duas sub-bases: Datilologia – PORTO e Tradução Direta – PINGO DOCE – durante toda a explicação, incentivou-se os alunos a tentar entender porque cada gesto pertenceria àquela base etimológica.

Logo após, foi apresentando um quadro¹⁰ que continha todas as bases etimológicas e nove gestos – BOLA, CARRO, COIMBRA, FEVEREIRO, COCA-COLA, IDENTIDADE, CASTELO BRANCO, VILA REAL e CABO VERDE – os alunos teriam de fazer corresponder cada gesto, à sua base etimológica correta e explicar. No final do jogo, teriam de dar outros exemplos de gestos e associá-los à sua base etimológica.

No tema seguinte, Gestos potencialmente ofensivos, foi visualizado um vídeo¹¹ em que um comediante e ator dava a sua opinião acerca dos gestos PRETO e ÍNDIA, em Língua Gestual Britânica. No fim da visualização, pediu-se aos alunos que dessem a sua opinião acerca do vídeo, se consideram os gestos de ÁFRICA/PRETO, ÁSIA, em LGP, preconceituosos e, ainda, quais as opiniões sobre nomes gestuais com esses gestos.

Por fim, questionou-se qual seria a base etimológica dos gestos ÁFRICA e/ou PRETO e ÁSIA.

⁹ (Anexo III)

¹⁰ (Anexo IV)

¹¹ Vídeo no powerpoint (Anexo III)

Estratégias utilizadas

Para apoiar a compreensão dos alunos e tornar o conteúdo mais acessível, motivador e interessante, foram utilizadas diferentes estratégias pedagógicas ao longo da aula. A combinação de recursos visuais e atividades práticas permitiu envolver os alunos e facilitar a análise das origens dos gestos, incluindo aqueles potencialmente ofensivos.

i. Utilização de imagens

Foram apresentadas imagens correspondentes aos gestos e aos conceitos. Este recurso ajudou os alunos a estabelecer uma ligação direta entre o significado do gesto e a sua possível origem, estimulando o raciocínio visual e linguístico. Uma vez que um dos alunos não sabe ler, optou-se por conter as imagens até dos nomes das bases etimológicas para o ajudar.

ii. Atividade em forma de jogo

Para promover um envolvimento ativo, foi dinamizado um pequeno jogo de correspondência entre gestos e bases etimológicas. Os alunos, individualmente, deslocavam-se ao quadro para relacionar cada gesto com a base etimológica que consideravam mais adequada e explicavam porque considerariam a base escolhida. Este formato promoveu a participação, o debate e a justificação das escolhas.

iii. Visionamento de vídeo

Foi utilizado um vídeo, permitindo que os alunos refletissem criticamente sobre o impacto que certos gestos poderão causar, para os sensibilizar na utilização dos mesmos. Este recurso ajudou a aprofundar o debate e serviu de ponto de partida para que os alunos expressassem as suas próprias opiniões e interpretações

iv. Discussão orientada

Após o visionamento do vídeo, realizou-se um momento de discussão, onde os alunos puderam partilhar as suas interpretações e explicar o raciocínio seguido. Esta estratégia foi essencial para aprofundar a compreensão dos gestos potencialmente ofensivos, dando voz às perceções e experiências dos alunos.

Participação dos alunos/ Resultados

Ao longo da aula, os alunos foram, maioritariamente, cooperantes e participaram com bastante interesse nas atividades propostas. No entanto, por serem alunos já mais velhos, com idades compreendidas entre os 15 e 17 anos, existiram alguns momentos de desatenção, desconcentração e interrupção, para conversarem entre si. Contudo, estes pequenos momentos não comprometeram a aula e os alunos retomavam fácil e rapidamente a atenção, quando chamados à atenção ou quando eram envolvidos nas atividades práticas, disputando entre si, para ver qual acertava primeiro na resposta, em exercícios como a análise dos gestos e respetivas bases etimológicas e na discussão sobre gestos possivelmente ofensivos.

Na primeira atividade – interligar o gesto à base etimológica correta - foram apresentados os seguintes gestos: BOLA, CARRO, COIMBRA, FEVEREIRO, COCA-COLA, IDENTIDADE, CASTELO BRANCO, VILA REAL e CABO VERDE, para fazer corresponder às bases etimológicas: Forma do Referente, Cultura, Influência da LP – Datilologia e/ou Tradução Direta.

O aluno A escolheu os gestos COCA-COLA e BOLA. Ao fazer a correspondência do gesto COCA-COLA, respondeu que a sua base etimológica seria a Tradução Direta. Uma vez que este aluno não sabe ler nem escrever, nem utilizar corretamente a datilologia, achamos perfeitamente normal este erro. Após alguma insistência e explicação, conseguiu relacionar o gesto à base etimológica correta – Datilologia. Já no gesto BOLA, conseguiu corresponder o gesto à base correta.

O aluno E escolheu os gestos LISBOA e CABO VERDE. Em LISBOA, o aluno rapidamente associou a base correta. No gesto CABO VERDE, uma vez que ainda não tinha sido explicado que um gesto poderia corresponder às duas sub-bases da Influência do LP, o aluno não entendeu. Mas após breve explicação, conseguiu identificar e assimilar a informação.

O aluno C escolheu o gesto COIMBRA e CASTELO BRANCO. No primeiro gesto fez corresponder fácil e rapidamente a base etimológica. No segundo, foi um pouco mais complicado, tendo de ser feita a exclusão das outras bases etimológicas, até chegar à

correta. Uma vez que possui medidas adicionais e tem paralisia cerebral, com implicações a nível do desenvolvimento cognitivo, achamos natural esta dúvida.

O aluno D escolheu os gestos CARRO e FEVEREIRO, associando corretamente ambos às suas bases etimológicas.

Por razões alheias à docente estagiária, o aluno B ausentou-se durante um momento da aula e o aluno E escolheu novamente um gesto – IDENTIDADE – que facilmente associou à base correta.

Quando o aluno B regressou à sala de aula, apenas restava o gesto VILA REAL, foi necessário explicar novamente as sub-bases da Influência da LP para o aluno conseguir fazer a associação correta.

No final do jogo, pediram-se outros exemplos de gestos e as suas bases etimológicas, todos os alunos deram, pelo menos, um exemplo.

Um dos alunos deu como exemplo AI (área de integração, disciplina que faz parte dos seus currículos). Este gesto criou alguma dúvida à professora estagiária e ao próprio docente da turma, mas decidiu-se aceitar o seu exemplo, que fez corresponder à base correta – Datilologia. Todos os alunos escolheram gestos associados à base etimológica Datilologia – JUNHO, JULHO e DEZEMBRO.

O aluno C não participou desta atividade, nem da seguinte, uma vez que a sua aula termina mais cedo, em comparação aos outros alunos e, retirou-se da mesma.

Por fim, visualizou-se o vídeo acerca dos gestos potencialmente ofensivos, após a visualização era pedida a opinião dos alunos acerca do mesmo, se considerariam os gestos, da LGP, PRETO e/ou ÁFRICA e ÁSIA preconceituosos e quais as opiniões acerca de nomes gestuais que contém estes mesmos gestos.

O aluno E referiu que, para si, o vídeo faz sentido uma vez que são gestos que podem ter teor preconceituoso e que os gestos ÁFRICA e ÁSIA deveriam ser gestuados de outra forma, bem como os gestos de AUTISMO e TRISSOMIA 21. Sobre os nomes gestuais acha que devem ter em consideração outras características que não a cor da pele e que utilizar gestos como estes poderiam ser considerados racistas.

O aluno A também refere que estes gestos poderão ser preconceituosos. Sobre os nomes gestuais acha que podem ser discriminatórios, apesar de serem uma característica, haverá sempre alguém que os usará como um meio de ofender o outro.

O aluno B refere que os gestos não são preconceituosos e são apenas características das pessoas provenientes dos continentes referidos. Sobre os nomes gestuais alega o mesmo, uma vez que estes são atribuídos através das características das pessoas, que é perfeitamente normal ter uma pessoa com um nome gestual que inclua estes gestos, por serem características suas. Afirma, ainda, que se for num contexto que não com o intuito de insulto, estes gestos são apenas características e que a pessoa deve sentir-se orgulhosa de como é, tal como ser Surdo e que tem orgulho de o ser. Em relação ao vídeo, vê como racismo, uma vez que foi usado contra o senhor para o fazer sentir mal. Afirma, ainda, que se o gesto é usado com intenção de maldade efetivamente é racismo.

O aluno D alega que não sabe responder.

Para terminar a aula, foi questionada qual seria a base etimológica dos gestos referidos – PRETO/ÁFRICA e ÁSIA – os alunos responderam corretamente – Forma do referente – mas não souberam explicar o motivo. Uma vez que uma das características mais evidentes em pessoas do continente africano é a largura do nariz, o gesto para PRETO e ÁFRICA, desenvolveu-se a partir desta perceção. O mesmo acontece com o gesto ÁSIA, que teve origem na representação da forma dos olhos, que incide sobre a característica física de pessoas daquele continente.

Análise dos Resultados

Relativamente ao primeiro exercício apresentado aos alunos – interligar o gesto à base etimológica correta – apenas se observaram dificuldades nos alunos que possuem outros problemas, como é o caso do aluno A, que não sabe ler nem escrever, não sabendo assim, datilologia e o aluno C, que possui medidas adicionais. Apenas os gestos CABO VERDE e VILA REAL suscitaram algumas dúvidas, pois não tinha existido explicação sobre este tipo de gestos, com o intuito de perceber se os alunos conseguiriam descobrir a diferença entre estes e os restantes gestos.

Já no segundo exercício, no qual era pedido que escolhessem qualquer gesto e associassem a sua base etimológica, maior parte dos alunos optou por gestos com base etimológica Datilologia (JUNHO, JULHO e DEZEMBRO.), podemos concluir que tal aconteceu, uma vez que esta base etimológica é a mais fácil de entender e as restantes bases são mais exigentes. O aluno A, dadas as suas dificuldades conseguiu dar um exemplo de um gesto com base na Datilologia (JUNHO) mas com algumas dificuldades.

No exercício seguinte – opinião sobre o vídeo – as opiniões dividiram-se. O aluno E, por ser o mais comunicativo e apresentar um maior nível linguístico e, também, talvez por ele próprio ser negro, respondeu prontamente que os gestos poderiam sim, ser preconceituosos, bem como os gestos de AUTISMO e TRISSOMIA 21. Pensamos que referiu o gesto AUTISMO, pela realização do mesmo ser uma característica de pessoas com este transtorno, “que vivem no seu mundo”, por ser um gesto que “fecha” em frente aos olhos. Já o gesto de TRISSOMIA 21, acreditamos que o aluno o considera preconceituoso, dado que este – representado pela letra T no canto do olho, a “puxar” o mesmo (idêntico a ÁSIA), seguido de 21 – representa a característica dos olhos que as pessoas com esta condição genética possuem.

O aluno A dá pouco a sua opinião acerca dos gestos em si, talvez pelas suas dificuldades linguísticas.

Tanto o aluno A como o E, têm a mesma opinião sobre os nomes gestuais. O aluno E acreditamos ser, maioritariamente, por ser negro e talvez até já ter sofrido algum destes preconceitos. Em relação ao aluno A, achamos que a sua ligação e proximidade ao aluno E, pode levá-lo a esta opinião.

Já o aluno B, é muito defensor do “orgulho” e acredita que cada um se deve orgulhar do que é, assim como ele se orgulha de ser Surdo. Talvez pela sua personalidade e por não possuir qualquer uma das características apresentadas, é capaz de distinguir entre a “descrição” e a “discriminação”. Para este aluno parece ser tudo muito simples: se é uma característica da pessoa, pode ser utilizado como nome gestual, desde que não seja usado em tom depreciativo.

O aluno D alega que não sabe responder, acreditamos que dadas as suas dificuldades linguísticas, isto se reflita no medo de se expressar.

No último exercício, era pedido que pensassem sobre as bases etimológicas dos gestos PRETO/ÁFRICA e ÁSIA, responderam corretamente, mas não souberam explicar o motivo. Acreditamos que, no fundo, sabiam, caso contrário não respondiam prontamente que seria “Forma do Referente”.

Por fim, podemos considerar que todos os objetivos definidos e citados acima foram cumpridos.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal promover a compreensão da origem e significado dos gestos da LGP, avaliando também os conhecimentos que os alunos detinham sobre o tema.

Os resultados obtidos indicam que os alunos, sem qualquer conhecimento sobre a etimologia da LGP, conseguiram compreender os conceitos apresentados e responder corretamente às questões propostas, demonstrando uma aprendizagem significativa ao longo da aula.

A análise dos gestos potencialmente ofensivos permitiu observar que os alunos refletiram criticamente sobre o tema: alguns consideraram certos gestos como ofensivos, enquanto outros não, evidenciando capacidade de análise, reflexão e interpretação dos gestos. Esta abordagem promoveu o conhecimento linguístico, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico, da sensibilização para questões sociais e da empatia entre alunos.

A participação ativa dos alunos durante todas as atividades reforça a eficácia do ensino da etimologia da LGP em sala de aula, mostrando que a abordagem metodológica adotada é adequada para estimular interesse, curiosidade e valorização da Língua Gestual Portuguesa.

Em síntese, este estudo contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre a LGP em contexto educativo, destacando a importância de incluir conteúdos etimológicos no currículo escolar. Os resultados obtidos sugerem que a etimologia enriquece a aprendizagem linguística, bem como promove práticas pedagógicas, valorizando a identidade Surda e a história da língua.

Assim, este estudo reafirma que conhecer a etimologia da LGP é reconhecer a história que vive em cada gesto, valorizando a língua e fortalecendo a identidade de quem a usa.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, M., Coutinho, A. & Martins, M. (1994). *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Caminho.
- Associação Portuguesa de Surdos. (2009). *Alfabeto manual* [Imagem]. PortalVozes. <https://portalvozes.com/a-evolucao-da-lingua-gestual-portuguesa/>
- Baptista, M. (2010). Alunos Surdos: Aquisição da Língua Gestual e Ensino da Língua.
- Barpaga, R. (2019, março 5). *Please Stop Using Offensive British Sign Language*. Youtube.
- Borg, P. A. (1829). *Pär Aron Borg's hand alphabet* [Imagem]. Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:P%C3%A4r_Aron_Borg%27s_hand_alphabet.jpg
- Carvalho, P & Mineiro, A. (2020). Políticas Linguísticas na Educação de Surdos em Portugal. <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.25/60747910>
- Cassandro, E., Nicastri, M., Chiarella, G., Genovese, E., Gallo, L. & Catalano, M. (2003) *Development of communication and speech skills after cochlear implant in a sign language child*. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14526555/>
- Correia, I. (2020). *Línguas e Linguagens. Língua Gestual Portuguesa e Português*.
- Correia, I., & Morais, A. (2024). Toponímia regional em Língua Gestual Portuguesa (LGP): As capitais de distritos. *Njinga e Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, páginas 32–50. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1838>
- Correia, I., Custódio, P. & Silva, R. (2021). *Língua de Sinais Portuguesa: Estudos linguísticos sobre morfologia e signwriting*. Edições Ex-Libris.
- Correia, I., Morais, A. & Custódio, P. (2025). As configurações dos números cardinais em Língua Gestual Portuguesa: Considerações Etimológicas. *Perspectivas para o ensino de línguas, volume 9*, páginas 74-86. https://www2.ufac.br/editora/livros/Perspectivas_vol.9.pdf

- Correia, I., Santana, N. & Silva, R. (2020). Duas línguas e duas interlínguas? Influência do português na língua de sinais portuguesa. *Línguas Minoritárias e Variação Linguística*, páginas 92-117.
- Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro do Ministério da Educação. (2008). Diário da República: I Série, nº 4. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/3/2008/01/07/p/dre/pt/html>
- Gonçalves, M. E. (2016). *Estudo diacrónico dos gestos da Língua Gestual Portuguesa nos Açores* [Universidade Católica Portuguesa].
- Gonçalves, M. L. (2012). *Dialetos gestuais em Portugal*. [Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias].
<https://www.youtube.com/watch?v=MqglvZ3wgg&t=25s>
- Jewish Deaf Community Center. (2010, Abril 14). *Broadcasters Drop Offensive Signs*.
<https://jdcc.org/broadcasters-drop-offensive-signs/>
- Kartheiser, G., Cormier, K., Bell-Souder, D., Dye, M. & Sharma, A. (2024). *Neurocognitive outcomes in young adults with cochlear implants: The role of early language access and crossmodal plasticity*. <https://doi.org/10.1016/j.heares.2024.109074>
- Lei Constitucional n.º 1/97, de 20 de setembro da Assembleia da República. (1997). Diário da República: I-A série, nº 218.
<https://data.dre.pt/eli/leiconst/1/1997/09/20/p/dre/pt/html>
- Martins, T. (2011). *A letra e o gesto – Estruturas linguísticas em Língua Gestual Portuguesa e Língua Portuguesa* [Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias].
<http://hdl.handle.net/10437/6215>
- Melo, L. (2024). Porque as línguas mudam? Por que variamos?
<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/13167/8968>
- Morgado, M. (2024, abril 6). <https://www.instagram.com/p/C5bG88GoZGd/>
- Morgado, M. (2024, março 26). https://www.instagram.com/reel/C4_VdOBoHye/

Nascimento, S. (2009). Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica.

Nunes, N., & Vieira, A. (2012). *Con(s)ciência linguística: A etimologia e a ironia do significado das palavras*. <http://hdl.handle.net/10400.13/1722>

OMS (2021). World Report On Hearing

Piza, F. (2025, Maio 21) O que é variação diacrônica? *Linha por linha*. <https://linhaporlinha.com.br/variacao-diacronica/>

Ramauge, J. (1847). *Os cegos e os surdos e meios infalíveis para restabelecer, fortificar e conservar a vista e o ouvir em bom estado até à idade avançada*. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drq139257/drq139257.pdf

Santos, P. & Correia, I. (2020). Um primeiro passo para a História da Língua Gestual Portuguesa: Perspetiva Diacrónica .

Santos, P. (2015). *A Evolução de Signos Gestuais na Cidade do Porto: Cores, Números e Dias da semana. Uma Investigação Linguística* [Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto].

Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. (1992). *Gestuário: Língua Gestual Portuguesa*. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Silva, F. M. (2021). Achegas ao fenómeno do empréstimo linguístico: Redefinindo os termos empréstimo e estrangeirismo. *Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, volume 20(2). <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/en/article/view/11599/838>

Spred the sign. (s.d). <https://www.spreadthesign.com/pt>.

Temoteo-Marques, J., Martins, A. & Guirelli, F. (2024) *Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos*. <https://doi.org/10.21165/gel.v21i2.3744>

ANEXOS

Anexo I – Consentimento Informado assinado pelo Informante

Consentimento informado
Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
O Ensino da Etimologia da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Secundário
Orientadora: Doutora Professora Isabel Correia
Discente: Sofia Monteiro Gonçalves

Eu, Rafael Filipe Sousa Marta, declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é da minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 22 de Novembro de 2020

Assinatura
Rafael Marta

Autorização excepcional

Declaro que autorizo a utilização de imagens recolhidas exclusivamente para a elaboração deste trabalho, divulgação em encontros científicos e possível publicação, desde que previamente verificadas por mim.

Assinatura
Rafael Marta

Anexo II – Planificação de aula

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
 UC: Prática de Ensino Supervisionada
 Planificação de Aula – Ensino Secundário



Ano: 10º e 11º Ano
Área/Tema: Etimologia dos Gestos

Duração Total: 50 minutos

Competências / Conteúdos	Descritores de Desempenho/Objetivos	Percurso da Aula	Recursos	Avaliação
<u>Estudo da Língua</u> Etimologia	Os alunos deverão ser capazes de compreender os diferentes tipos de etimologia dos gestos.	Inicialmente é apresentado o tema da aula e questiona-se se os alunos conhecem o mesmo. De seguida é apresentado o PowerPoint com a explicação do tema. (Forma do Referente, Cultura, Influência do LP (Datilologia e Tradução Direta))	- Computador; - Projetor; - PowerPoint.	- Observação Direta.
	Os alunos deverão ser capazes de identificar a base etimológica dos gestos apresentados.	Após a explicação é apresentado um tabuleiro de jogo e diversos cartões com gestos (Ex Bola, Cabo Verde, Coimbra, Coca-Cola, ...), no qual deverão colocar o cartão de determinado gesto no tipo de etimologia correta. Após o jogo, é pedido aos alunos que deem exemplos de outros gestos que tenham como base etimológica uma das aprendidas no decorrer da aula.	- Tabuleiro de jogo; - Cartões com gestos;	- Observação Direta;
<u>Interação em LGP</u> Comunicação em grupo	Os alunos deverão ser capazes de entender o vídeo e, posteriormente, expressar a sua opinião acerca do mesmo.	É apresentado um vídeo sobre gestos, eventualmente ofensivos. Após o visionamento do vídeo, devem dar a sua opinião (Gesto Preto, África, Chinês... são ofensivos?)	- Computador; - Projetor; - Vídeo.	- Observação Direta; - Compreensão Linguística.

Anexo III - Powerpoint da aula <https://tinyurl.com/aulalgp>

Anexo IV - Quadro para ligar gestos às bases etimológicas



Quadro vazio



Resultado desejado e obtido

